



Marx e a religião: a construção do conhecimento histórico

Sylvana Maria Brandão de Aguiar¹

Edson de Araújo Nunes²

Renan Vilas Boas de Melo Magalhães³

Rafaella Valença de Andrade Galvão⁴

Resumo

Extremamente difundida pela esmagadora maioria da tradição marxista, a assertiva “a religião é o ópio do povo” consolidou uma suposta posição teórica de Karl Marx acerca do fenômeno religioso. No entanto, tal afirmação constitui tão somente uma frase de efeito, do que propriamente uma indagação ou reflexão epistemológica. Em nossa pesquisa, identificamos duas fases na produção intelectual de Marx onde ele trata brevemente da temática religiosa. Em sua vasta obra, estudos relacionados ao fenômeno religioso figuram nos primeiros anos de sua vida intelectual, onde Marx reafirma basicamente o pensamento de Feuerbach; na introdução de sua *Contribuição à crítica da filosofia do direito de Hegel* (1843), atesta que “o homem é que faz a religião”; Nessa breve incursão no universo da religião, Marx a considera como *alienação*. Posteriormente, e já sob a forma de afirmações esparsas em algumas de suas obras, Marx tece novas reflexões sobre a religião. Na *Ideologia Alemã* (1845), em parceria com Friedrich Engels, a considera como *ideologia*, explicada a partir das condições de produção material dos homens. Desta forma, assim como todas as outras formas de ideologia – legais, políticas, estéticas, filosóficas -, a religião seria falsa consciência, reflexo ilusório e legitimador das relações de dominação de classe. Verificamos que, no decorrer de sua formação intelectual, Marx não consagrou longos estudos acerca da religião, voltando-se de forma premente para o desenvolvimento de uma teoria social econômica e sistemática.

Palavras-chave: História; Religiões; Teoria.

¹ Doutora em História do Brasil pela UFPE; Professora do Departamento de História da UFPE; Docente dos Programas de Pós graduação em História e Arqueologia da UFPE; Docente e Coordenadora do Mestrado Profissional em Gestão Pública para o Desenvolvimento do Nordeste; Líder dos Grupos de Pesquisa “História e Religiões”, do Programa de Pós graduação em História da UFPE, e “Gestão Pública e Espaços Públicos: conflitos e intolerância religiosa”, do MPANE/UFPE. Vários livros e artigos publicados; Membro de Instituições de Pesquisa nacionais e internacionais. E-mail: brandao.sylvana@gmail.com.

² Estudante do Curso de História da UFPE; Bolsista de Iniciação Científica do PIBIC/CNPq/UFPE; Integrante dos Grupos de Pesquisa “História e Religiões”, do CNPq/UFPE, e “Gestão Pública e Espaços Público: conflitos e intolerância religiosa, do MPANE/UFPE; E-mail: ed.history@gmail.com.

³ Estudante do curso de História da UFPE; Integrante dos Grupos de Pesquisa “História e Religiões”, do CNPq/UFPE, e “Gestão Pública e Espaços Público: conflitos e intolerância religiosa”, do MPANE/UFPE; Regente da Rede Municipal de Ensino; E-mail: renanvbmelo@gmail.com.

⁴ Estudante do curso de História da UFPE; Integrante dos Grupos de Pesquisa “História e Religiões”, do CNPq/UFPE, e “Gestão Pública e Espaços Público: conflitos e intolerância religiosa, do MPANE/UFPE; E-mail: rafaellavalenca@gmail.com



Introdução

O trabalho parte de uma de uma discussão mais geral da perspectiva marxista acerca das religiões e religiosidades, a partir da análise do pensamento proveniente dos escritos de Karl Marx. Todavia, representa apenas parte inicial de um projeto maior que tem como objetivo a apreciação do ponto de vista de teóricos da tradição marxista como Engels, Rosa Luxemburgo e Antonio Gramsci e seus posicionamentos acerca do fenômeno religioso.

Com efeito, não iremos aqui discutir o maior legado de Marx para o conhecimento histórico, qual seja, a criação de uma teoria social e econômica sistemática⁵. A pesquisa foi construída a partir de um diálogo entre os escritos de Marx e a construção de uma assertiva extremamente difundida pela esmagadora maioria da tradição marxista onde a religião seria tão somente “o ópio do povo”, sendo tal afirmação considerada como uma suposta posição teórica de Karl Marx sobre o fenômeno religioso.

Trechos de obras como *Contribuição à crítica da filosofia do direito de Hegel* (1843)⁶ e *A Ideologia Alemã*⁷ (1845) serão analisados no corpo deste artigo, consubstanciando nossas reflexões sobre Marx, a religião e a construção do conhecimento histórico.

1. Marx (1818-1883): breve esboço biográfico

Filho de um advogado, Karl Heinrich Marx nasceu na região renana de Trier, em 1818. Contava dezessete anos quando iniciou os estudos de Direito na Universidade de Bona, em 1835; todavia, a transferência de Marx para Berlim, no ano seguinte, acarretará profundas mudanças em sua trajetória intelectual: ao entrar em contato e sofre profunda influência da filosofia de Hegel, então dominante, Marx irá abdicar do curso de Direito em troca da Filosofia.

⁵ Para um aprofundamento nesta temática, ver: MARX, Karl. “Para a crítica da Economia Política”. In: **Marx**. São Paulo: Abril Cultural, 1987 (Coleção Os Pensadores); BALINKY, Alexander. **A Economia de Marx: análise e crítica**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1973; GARDINER, Patrick. **Teorias da História**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

⁶ MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. “Crítica da Filosofia do Direito de Hegel”. In: MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. **Sobre a Religião**. Lisboa: Edições 70, 1975.

⁷ MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã: Feuerbach, a oposição entre as concepções materialistas e idealistas**. São Paulo: Martin Claret, 2006.



O falecimento de seu pai irá imputar-lhe, para além da eventual perda afetiva, a premente necessidade de procurar um emprego; neste sentido, Marx irá dedicar-se ao jornalismo político, enquanto articulista da publicação radical *Gazeta Renana* (*Reinische Zeitung*), a partir de 1842, ocupando durante algum tempo o cargo de redator-chefe deste semanário; a brevidade da experiência de Marx nesta publicação deve-se fechamento da mesma no ano seguinte em virtude da intervenção do governo prussiano⁸.

É também em 1843 que Marx irá mudar-se para Paris; aqui, sob o impacto do pensamento francês e inglês, irá reexaminar a filosofia de Hegel e seus pressupostos metafísicos. Cabe registrar que concomitante a esta mudança de *locus* intelectual, as primeiras ilações de Marx acerca da história, da natureza e da sociedade começam, igualmente, a ganhar forma.

Em 1884, irá conhecer Friedrich Engels; da colaboração mútua entre Marx e Engels resultam vários textos que propunham uma nova perspectiva metodológica para os estudos históricos de então, posto que avultavam o papel dos fatores técnicos e econômicos para a compreensão e explicação em História.

2. Marx e a temática religiosa

Aqui registramos que Karl Marx não se ocupou longamente da temática religiosa. Em algumas de suas obras podemos localizar considerações a respeito do tema Religião, mas apenas sob a forma de soltas afirmações. Dentro de nossos estudos, percebemos que é possível encontrar duas fases na crítica de Marx à Religião. Na primeira, o autor trabalha a Religião como alienação. Na segunda, entende como ideologia.

No primeiro momento (alienação), Marx segue basicamente o pensamento de Feuerbach quando afirma que a religião é uma projeção do homem, que é o reflexo daquilo que falta ao indivíduo. Todavia, para além da perspectiva feuerbachiana, Marx irá indagar-se acerca da razão desta projeção. E encontra a sua resposta na

⁸ A este respeito, consultar: MARX, Karl. “*Notas sobre as recentes instruções prussianas relativas à censura*”. In.: MARX, Karl; ENGELS, F. **Sobre literatura e arte**. 3. ed. Tradução Brasileira de Olinto Beckerman. São Paulo: Global Editora, 1986; MARX, Karl. **A liberdade de imprensa**. Tradução Brasileira de Cláudia Schilling e José Fonseca. Porto Alegre: L&PM, 1980; ESPÍNDOLA, Arlei de. **Karl Marx e a Gazeta Renana**. Disponível em: <http://www.ssrevista.uel.br/c_v6n1_arlei.htm>. Acesso em: 15 nov. 2009, entre outros. entre outros.



relação do homem com o mundo: afirma que o homem vive numa conjuntura que o explora e oprime; e que uma vez inserido em tal realidade, necessita de ilusões, daí busca a religião. Esta funciona como uma consciência invertida do mundo.⁹

A angústia religiosa é, por um lado, a expressão da angústia real e, por outro, o protesto contra a angústia real. A religião é o suspiro da criatura oprimida, a alma de um mundo sem coração, tal como é o espírito das condições sociais, de que o espírito está excluído. Ela é *opium* do povo.¹⁰

Assim sendo, para Marx, é o homem alienado pelas condições do mundo em que vive quem gera a religião. Em última análise, o homem busca a religião como um ópio de que precisa para suportar a sua miséria real. É interessante compreender também que Marx enxerga a religião como protesto contra este mundo, não sendo apenas expressão deste mundo real. Tal análise é pouco enfatizado quando da difusão do pensamento do autor.

Numa segunda fase, Marx considera a religião como ideologia. Em *A Ideologia Alemã*, Marx e Engels afirmam que as idéias não têm autonomia própria, sendo então produtos da atividade material dos homens. A formação das idéias no âmbito da filosofia, da moral, da religião ou em qualquer outro âmbito se explica a partir da maneira como os homens produzem seus bens materiais.

As representações, o pensamento, o comércio espiritual entre os homens, aparecem aqui como emanção direta de seu comportamento material. O mesmo ocorre com a produção espiritual, tal como aparece na linguagem da política, das leis, da moral, da religião, da metafísica, etc., de um povo.¹¹

Dito de outra maneira, a religião não tem uma substância própria, é puro resultado das condições sociais fabricadas pelos homens. Esta concepção dá margem a conseqüências práticas. Marx afirma que a religião desaparecerá, não terá mais razão de existir; não como resultado de uma ação anti-religiosa, mas como efeito de uma transformação social. E seguindo a cadência do seu pensamento, acredita que uma vez que o homem cria as condições que fazem a religião existir, ele pode gerar uma realidade contrária.¹²

O reflexo religioso do mundo real só pode desaparecer, quando as condições práticas das atividades cotidianas do homem representem, normalmente, relações racionais claras entre os homens e entre estes e a natureza. A estrutura [...] do processo da produção

⁹ LESBAUPIN, Ivo. "Marxismo e religião" In: TEIXEIRA, Faustino. **Sociologia da Religião: Enfoques Teóricos**. Petrópoles, RJ: Vozes, 2003.

¹⁰ MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. "Crítica da Filosofia do Direito de Hegel" ... Op. Cit., p. 47-49.

¹¹ MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã...** Op. Cit., p. 51.

¹² LESBAUPIN, Ivo. "Marxismo e religião"... Op. Cit.



material, só pode desprender-se do seu véu nebuloso e místico, no dia em que for obra de homens livremente associados, submetida a seu controle consciente e planejado.¹³

Assim sendo, Marx chega a um resultado no qual diz que as formas e os produtos de consciência vigentes que respaldam a existência da Religião, podem ser dissolvidos através da abolição prática das relações sociais reais que deram nascimento a estas invenções idealistas.

Considerações finais

O que procuramos destacar neste artigo é que Marx não foi um teórico das Religiões, ou seja, não se faz necessário a sua utilização no âmbito dos estudos a respeito desta temática. A sua frase de efeito, “a religião é o ópio do povo”, por ter sido largamente difundido, faz muitas pessoas pensarem que Karl Marx estudou a temática da Religião. Todavia, em toda a sua produção, o teórico em questão nunca consagrou nenhum livro, sequer um capítulo inteiro direcionado à temática religiosa. Há, como já foi aqui proferido, em algumas de suas obras, considerações esparsas acerca do fenômeno religioso, o que impossibilita sua caracterização como tal tipo de teórico. Como teóricos das Religiões podemos seguramente considerar, entre outros: Émile Durkheim¹⁴, Marx Weber¹⁵, Clifford Geertz¹⁶, Peter Berger¹⁷, Pierre Bourdieu¹⁸. A pesquisa em curso pretende analisar as produções de âmbito marxista na área de História das Religiões e Religiosidades, tais como os escritos do próprio Engels (Sobre a História do Cristianismo Primitivo)¹⁹, Rosa Luxemburgo (Igreja e Socialismo)²⁰ e Antonio Gramsci (Concepção Dialética da História)²¹. Dado o curto

¹³ MARX, Karl. **O Capital**: crítica da economia política. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980. v. I, p.88.

¹⁴ DURKHEIM, Emile. **As formas elementares da vida religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

¹⁵ WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Martin Claret, 2006;_____. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva . 4. ed. Brasília: Ed. da UNB, 2000. 2v.

¹⁶ GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

¹⁷ BERGER, Peter L. A dessecularização do mundo: uma visão global. In: **Religião e Sociedade**. V. 1. Rio de Janeiro, Iser, 2001.

¹⁸ BORDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 6 ed. São Paulo: Perspectiva, 2005;_____. **O poder simbólico**. 4 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

¹⁹ ENGELS, Friedrich. “Sobre la historia del cristianismo primitivo”. In: ASHMANN, H & MATE, R. (Orgs.). **Sobre la Religión. I**. Salamanca: Sígueme.

²⁰ LUXEMBURGO, Rosa. “Iglesia y socialismo”. In: ASHMANN, H & MATE, R. (Orgs.). **Sobre la Religión. II**. Salamanca: Sígueme.

²¹ GRAMSCI, Antonio. **Concepção dialética da história**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.



espaço reservado, a inclusão do pensamento dos autores supramencionados será melhor detalhado em artigo posterior. O trabalho é vinculado aos Grupos de Pesquisa “História e Religiões”, do Programa de Pós graduação em História da UFPE, e “Gestão Pública e Espaços Públicos: conflitos e intolerância religiosa”, do Mestrado Profissional em Gestão Pública para o Desenvolvimento do Nordeste, da UFPE.

Referências

- BALINKY, Alexander. **A Economia de Marx: análise e crítica**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1973.
- BERGER, Peter L. A dessecularização do mundo: uma visão global. *In: Religião e Sociedade*. V. 1. Rio de Janeiro, Iser, 2001.
- BORDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 6 ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- BORDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 4 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- DURKHEIM, Emile. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- ENGELS, Friedrich. “Sobre la historia del cristianismo primitivo”. *In: ASHMANN, H & MATE, R. (Orgs.). Sobre la Religión. I*. Salamanca: Sígueme.
- ESPÍNDOLA, Arlei de. **Karl Marx e a Gazeta Renana**. Disponível em: <http://www.ssrevista.uel.br/c_v6n1_arlei.htm>. Acesso em: 15 nov. 2009.
- GARDINER, Patrick. **Teorias da História**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.
- GRAMSCI, Antonio. **Concepção dialética da história**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- LESBAUPIN, Ivo. “Marxismo e religião” *In: TEIXEIRA, Faustino. Sociologia da Religião: Enfoques Teóricos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- LUXEMBURGO, Rosa. “Iglesia y socialismo”. *In: ASHMANN, H & MATE, R. (Orgs.). Sobre la Religión. II*. Salamanca: Sígueme.



MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**: Feuerbach, a oposição entre as concepções materialistas e idealistas. São Paulo: Martin Claret, 2006.

_____. **A liberdade de imprensa**. Tradução Brasileira de Cláudia Schilling e José Fonseca. Porto Alegre: L&PM, 1980

_____.; ENGELS, Friedrich. "Crítica da Filosofia do Direito de Hegel". In: MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. **Sobre a Religião**. Lisboa: Edições 70, 1975.

_____. "Notas sobre as recentes instruções prussianas relativas à censura". In.: MARX, Karl; ENGELS, F. **Sobre literatura e arte**. 3. ed. Tradução Brasileira de Olinto Beckerman. São Paulo: Global Editora, 1986.

_____. **O Capital**: crítica da economia política. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980. v. I, p.88

_____. "Para a crítica da Economia Política". In: **Marx**. São Paulo: Abril Cultural, 1987. (Coleção Os Pensadores)

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Martin Claret, 2006.

_____. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva . 4. ed. Brasília: Ed. da UNB, 2000. 2v.